"Eu sou a ressurreição e a vida"

Francisco Rubeaux

Conhecendo um pouco o quarto Evangelho, sabemos que ele se caracteriza, entre outras formas literárias, pelo uso repetido de antíteses como vida-morte, luz-trevas, verdade-mentira, bem-mal... Neste simples artigo, nos ocuparemos com o primeiro destes binômios: vida-morte.

Desde o Prólogo, o evangelista nos afirma que o Verbo de Deus se fez carne para que "todos os que O receberem tenham o poder de se tornarem filhos de Deus" (João 1,13). Ora, sabemos que ser filho ou filha de Deus é possuir sua vida em nós, como nos lembra o autor da primeira carta de João: "Vede que prova de amor nos deu o Pai, que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos. Eis por que o mundo não nos conhece, porque não O conheceu. Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou; sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é" (1João 3,1-2). No fim do seu livro o evangelista repete a mesma mensagem: "Estes sinais foram escritos para vocês crerem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, vocês tenham a vida plena em seu nome" (João 20,31). Podemos assim constatar que o quarto Evangelho é todo construído sobre este tema da fé e da vida. A vida se opõe à morte. A Boa-Nova é a vida e a vida de Deus em nós, pois esta é a situação nova do discípulo: "O vencedor receberá esta herança, Eu serei o seu Deus e ele será meu filho" (Ap 21,7). Todo o livro do Evangelho segundo João traz para nós esta mensagem de vida, mas uma mensagem que nos quer também ensinar a atitude que o crente deve assumir diante da doença e da morte.

Esta mesma inclusão, fé e vida, vida e morte, nós a encontramos claramente no fim do quarto Evangelho. Existe uma correspondência (quiasmo) entre o capítulo 11 e o capítulo 20. O capítulo 11 narra a chamada ressurreição de Lázaro, enquanto o capítulo 20 narra a ressurreição de Jesus. Com este recurso literário o autor do quarto Evangelho destaca o mesmo problema de fundo: vida-morte. A ressurreição de Lázaro é o anúncio da ressurreição definitiva de Jesus e a chegada dos tempos messiânicos. A rigor, a ressurreição de Lázaro deveria ser chamada uma reanimação, pois depois de um certo tempo ele há de morrer de novo. Só o Cristo é o primeiro dos ressuscitados, as primícias do mundo novo.

Afinal, todo o livro de João é uma narração de vitória da vida sobre a morte. Vejamos um só exemplo: "Ouvindo dizer que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, ele foi procurá-lo e pedia-lhe que descesse e curasse o seu filho que estava à beira da morte... O funcionário real lhe disse: 'Senhor, desce, antes que o meu filho morra'.

Disse-lhe Jesus: 'Vai, o teu filho vive'. O homem acreditou na palavra que Jesus lhe havia dito e partiu" (João 4,47.49-50). Por que tanta insistência sobre este tema da vida e morte? Só para anunciar-nos a ressurreição de Cristo? Afirmar-nos que sua missão foi a de trazer a vida? Certamente, mas pode ter uma outra finalidade. Para tratar deste assunto, vamos nos limitar ao texto que narra a ressurreição de Lázaro, pois ele parece mais característico e sobretudo mais abrangente.

1. Lázaro está doente... Lázaro morreu

Ao apresentar Lázaro como o discípulo que Jesus amava, junto com suas duas irmãs na casa de Betânia, o evangelista quer provavelmente retratar a situação da comunidade cristã. Lázaro é o discípulo amado, pois "todo aquele que tem os meus mandamentos e os observa é quem me ama; e quem me ama, será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei" (João 14,21). Estamos na casa, lugar privilegiado da comunidade cristã, que simboliza a nova prática dos discípulos de Jesus. O que está acontecendo no seio da comunidade? Podemos suspeitar que existe um problema em relação à doença e à morte.

A doença e a morte não são consideradas por Jesus acontecimentos irremediáveis: "As duas irmãs mandaram então dizer a Jesus: 'Senhor, aquele que amas está doente'. A esta notícia, Jesus disse: 'Esta doença não é mortal, mas é para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus'" (João 11,3-4). Nada, portanto, de se assustar. A doença é uma realidade, mas ela é portadora de uma dimensão positiva. Assim também a morte: "Disse então Marta a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá'. Disse-lhe Jesus: 'Teu irmão ressuscitará'" (João 11,21-23). A doença e a morte são dois condicionamentos da natureza humana. Criados, somos limitados, e sentimos muito mais este limite quando aparecem a doença e a morte, pois são dois pontos extremos da situação humana. O próprio Jesus, como Filho de Deus encarnado, passou por esta situação. "Ele assumiu a condição de servo tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até à morte e morte de cruz" (Fl 2,7-8). A carta aos Hebreus se expressa com os mesmos termos: "É Ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, Àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido por causa de sua submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento..." (Hb 5,7-8). Crer em Jesus Cristo, crer no Deus da vida não nos dispensa da doença e da morte. O próprio Filho de Deus experimentou o sofrimento e a dor da morte, sentiu também, como as duas irmãs de Lázaro, o desaparecimento do amigo: "Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, compadeceu-se interiormente e ficou comovido. E disse: 'Onde o colocastes?' Responderam-lhe: 'Senhor, vem e vê'. Jesus chorou..." (João 11,33-35).

Os cristãos das comunidades joaninas, e nós hoje, imaginavam que a fé no Cristo vivo e ressuscitado os isentaria da doença e da morte. Mas não é por aí que se deve

compreender a mensagem da Boa-Nova. A fé não nos dispensa do sofrimento e da morte, da condição de todos os mortais, mas nos ajuda a entender melhor e conseqüentemente a nos situar melhor também frente à doença e à morte. Não somos melhores ou privilegiados em relação ao resto da humanidade, somente temos com mais clareza o sentido, o valor do sofrimento e do sofrimento último que é a morte. Criados para a vida, fazemos de tudo para evitar a morte ou tudo aquilo que se assemelha a ela. De fato, sempre lutamos para que haja vida e vida em abundância. Os instintos de conservação e de defesa são os mais fortes. Queremos a vida, mas temos que compreender que para se chegar à vida em plenitude temos que passar pela morte. É desta compreensão e da atitude que ela gera que mais precisamos para enfrentar as limitações humanas que são a doença e a morte.

A Boa-Nova nos revela que a morte não é um fim, mas somente uma passagem, como explicita a Liturgia dos Falecidos: "Para nós a vida não é tirada mas transformada..." Ela é passagem, mas uma passagem dolorosa, para a qual estamos constantemente preparados pelas pequenas mortes quotidianas que nos obrigam a deixar pessoas, lugares, situações... Mas sabemos que sem estas mortes não há nova vida possível. Tudo na natureza humana se mede com a capacidade que temos de morrer para poder ressuscitar.

2. "Eu sei que ele ressuscitará"

Quando Jesus chegou a Betânia, encontrou-se primeiro com Marta. Maria ficou dentro de casa recebendo a solidariedade dos visitantes. As duas irmãs podem ser consideradas como dois tipos de discípulos. Maria representa o tipo de discípulo que fica imerso na dor da separação e chora como aquele que não tem esperança, apesar de estar dentro da casa que é a comunidade. Ela faz parte do grupo para o qual Paulo escreveu em sua carta aos Tessalonicenses: "Irmãos, não queremos que vocês ignorem coisa alguma a respeito dos mortos, para não ficarem tristes como os outros que não têm esperança" (1Ts 4,13). Marta vem ao encontro do Mestre. Ela acolhe o Senhor, mas com esta tristeza de ele não ter estado presente quando o irmão morreu. Ela sabe da fé antiga dos pais. Ela, diríamos hoje, tem bom conhecimento do seu catecismo. Ela sabe que seu irmão há de ressuscitar no último dia, como professa a fé de uma boa parte dos judeus da época, pois sabemos que os Saduceus não compartilham desta crença na ressurreição dentre os mortos. Ao contrário, o grupo dos Fariseus é fiel adepto desta nova perspectiva da teologia nascida com a revolta dos Macabeus. Jesus também compartilhou desta fé. Mas Marta não acredita que em Jesus e com Jesus chegou o tempo tão esperado da Ressurreição. Só será para o último dia. Ora, o último dia para os judeus era o dia da vinda do Messias, a ressurreição era esperada com a chegada dos tempos messiânicos, aliás, ela era a grande novidade que traria consigo o Messias. É o motivo pelo qual muitos judeus faziam questão de serem sepultados em Jerusalém, por onde devia começar a ressurreição. Marta acredita no poder milagroso de Jesus, bem que poderia ter curado Lázaro de sua enfermidade: "Então Marta disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido'" (João

11,21). Apesar de estar na comunidade, ainda não despertou para a grande revelação: "Quem me viu, viu o Pai" (João 14,9). Ela acredita que Jesus pode fazer um milagre, ele é um poderoso intercessor junto de Deus, como Elias ou Eliseu que devolveram a vida a uma criança. Ela sabe que tudo o que ele pedir ao Pai, ele o alcançará. Mas não sabe que as suas obras são as obras do Pai: "Acreditem em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Acreditem nisso pelo menos por causa destas obras" (João 14,11).

Quantas vezes não encontramos ainda hoje discípulos de Jesus que pensam como Marta. Jesus pode fazer milagres, mas quanto à ressurreição dos mortos, isto já é uma outra questão. Acreditamos mesmo que Jesus tem o poder de ressuscitar os mortos ou como proclamamos no nosso credo: "Creio na ressurreição da carne..."? Se fizermos esta pergunta aos cristãos de hoje, talvez teremos algumas surpresas. A casa de Betânia continua sendo de verdade a casa das nossas comunidades de hoje.

3. "Eu sou a ressurreição e a vida..."

Diante desta situação, Jesus vai se revelar plenamente como o Messias, Filho de Deus: "Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (João 11,25). Jesus vem para chamar à vida, e para isto primeiramente chama a ressuscitar. O verbo mesmo indica uma renovação, mas a partir de algo já existente. Como nos lembrava a Liturgia dos Falecidos, a vida é transformada. Isto significa que se trata bem desta nossa vida, mas que supera a barreira da morte e continua segundo padrões novos. A rigor, nós não vamos para outra vida, mas sim para uma plenitude de vida. De lá vem todo o significado que tem a vida terrestre. Ela não é indiferente ao que será o nosso amanhã. Temos um exemplo deste modo de pensar na parábola do rico e de Lázaro. O rico, atormentado nas chamas, pede um pouco de água, mas Abraão lhe responde que isso é impossível, pois há entre eles um abismo intransponível. De onde vem este abismo? Deus o teria cavado para interditar a passagem entre eleitos e condenados? Ou não seria por acaso o abismo que o próprio rico cavou durante a sua vida, ignorando a existência do pobre à sua porta? Não seria este o abismo do qual nos falam os bispos da América Latina reunidos em Puebla: "Existe um abismo cada vez mais profundo entre os ricos sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres"? Não há outra vida, independentemente de nossa vida atual. O que fazemos, o que somos, o que construímos hoje, será o nosso amanhã diante de Deus. É bom lembrar neste momento o que o apóstolo Paulo escrevia aos Coríntios: "Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo. Se alguém sobre este fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, ferro ou palha, a obra de cada um será posta em evidência..." (1Cor 3,11-13). A ressurreição é a superação da morte, é a porta pela qual entramos na vida plena. Por isso Jesus declarou primeiro a ressurreição para poder afirmar que também Ele é a vida. João sempre nos fala da vida plena, em abundância (João 10,10), que infelizmente traduzimos por vida eterna. A eternidade desta vida é uma de suas características, e não das mais importantes. O essencial é que esta nossa vida é chamada a se realizar ao máximo, a se encher em todas as suas dimensões e atingir sua perfeita

forma para a qual foi criada. Esta vida plena é a vida de Deus em nós. "Ora, a vida eterna é esta: que eles conheçam a Ti, ó Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo".

Para entrar neste movimento de vida que avança rumo ao seu objetivo final, é preciso crer n'Aquele que vem nos oferecer esta revelação. A adesão da fé é o requisito fundamental para participar da vida. A fé não é uma ação feita de uma vez por todas ou ainda uma resposta dada de uma só vez. João, de um modo bem próprio, praticamente nunca usa a palavra fé, mas sim o verbo **crer**. Ora, o verbo sempre indica um movimento. A fé é, portanto, um movimento, uma adesão que sempre se renova, adquire mais profundidade e mais maturidade. Assim Marta e Maria, diante deste acontecimento da morte do irmão Lázaro, são chamadas a um ato de fé maior. A morte, que entrou nas suas vidas pelo desaparecimento físico do irmão, é um apelo para avançar mais na adesão a Jesus Cristo.

De fato, Jesus vai pedir a Marta para fazer mais um passo na relação com sua pessoa: "Crês isto?" (João 11,26). A resposta de Marta é a resposta do verdadeiro discípulo, isto é, daquele que chegou a reconhecer em Jesus de Nazaré a plena revelação do Pai: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo" (João 11,27). A proclamação de fé, que nos outros livros do Evangelho encontra-se na boca de Pedro, aqui é proferida por uma mulher na casa de Betânia. Esta proclamação de fé permite a mudança radical da situação. Encontramos neste credo o que se acha espalhado pelo livro todo: desde o capítulo primeiro, João faz questão de nos apresentar Jesus de Nazaré como o Messias: "Encontrou primeiramente Simão, seu irmão, e ele lhe disse: 'Encontramos o Messias, que quer dizer Cristo'" (João 1,41). Aquele que devia vir a este mundo, já não é mais o Profeta nem o rei de Israel, mas é o próprio Filho de Deus como Jesus mesmo o afirmou a Natanael, ao lembrar o sonho de Jacó: "E lhe diz: em verdade, em verdade vos digo, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (João 1,51). É esta mesma fé que o evangelista quis deixar para os discípulos de suas comunidades, ou talvez seria melhor dizer que é a esta fé que chegaram os discípulos das comunidades joaninas: "Estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, acreditando, vocês tenham a vida em seu nome" (João 20,31). Assim, diante de uma situação de morte, limite natural da vida humana criada, Jesus se declara como Aquele que vem para superar esta barreira e comunicar a vida plena e definitiva, não somente aos que professam a fé, pois ele é a fonte de vida para todos os seres humanos. Como cristãos, nós reconhecemos n'Ele esta fonte de vida e acreditamos, por isso mesmo, que a morte tem uma outra dimensão do que para os que não acreditam.

Ao contrário dos outros sinais apresentados no livro de João, neste da "ressurreição" de Lázaro o sinal vem depois da sua explicação. De fato, Jesus, para realizar aquilo que vai se tornar o sinal do seu ser profundo e revelador de sua missão, pede a adesão de fé. Em Caná da Galiléia, por exemplo, foi o sinal que suscitou a fé nos

discípulos: "Este início dos sinais Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e seus discípulos creram n'Ele" (João 2,11). O primeiro sinal suscitou a fé, agora é esta fé que deve suscitar em nós o sinal de nossa adesão, pela nossa atitude diante da morte. Não podemos ficar como os outros que não têm esperança.

4. "Se chegares a crer, verás a glória de Deus..."

Até diante do túmulo Marta continua duvidando. Lázaro está totalmente morto (faz quatro dias). A fé de Marta, apesar de sua proclamação anterior, ainda não chegou a levá-la a acreditar que Jesus tem condição de fazer passar dos limites da morte. Podemos notar aqui a fé vista como avanço na adesão à pessoa de Jesus: "Se chegares a crer..." Nossa fé tem que ter a capacidade de nos levar a **ver** a glória de Deus. Este outro tema é muito importante para o evangelista: ver, enxergar, olhar... Em Caná os discípulos creram e por isso mesmo viram a glória de Deus. O cego de nascença enxergou e reconheceu em Jesus o Messias, o que os Fariseus, bons da vista, são incapazes de reconhecer. Mas sobretudo é olhando o Crucificado que se poderá contemplar a glória de Deus: "Quando vocês levantarem o Filho do Homem, saberão que Eu sou..." (João 8,28).

O sétimo sinal do livro de João vai nos revelar a força criadora do Verbo. Jesus é a Palavra criadora de Deus, como nos foi afirmado no Prólogo. Agora esta Palavra vai fazer surgir a vida: "Lázaro, vem para fora!" Chamar para fora é fazer existir, tirar do caos para a vida, e a morte é uma forma de caos. Toda Palavra criadora é Palavra que faz existir, e, aqui, essa existência é a definitiva, aquela que dá à criatura suas plenas dimensões. Ao contemplar a vida, estamos contemplando a glória de Deus, pois a glória de Deus são as suas obras, tanto da criação quanto da libertação, como cantam os salmistas que nunca dissociam uma da outra: "Só Ele fez maravilhas, porque o seu amor é para sempre! Ele fez os céus com inteligência... O sol para governar o dia. Ele feriu o Egito em seus primogênitos. Ele tirou Israel do meio deles porque o seu amor é para sempre" (Sl 136,4 e passim). Crer em Jesus Cristo e Filho de Deus é crer na força da Palavra que recria e dá vida. É interessante notar que é nesta Palavra que Pedro, no quarto Evangelho, professa a fé: "A quem iremos, Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna (plena)" (João 6,68).

A comunidade dos discípulos é chamada a professar sua fé em Jesus de Nazaré, conhecido como Messias e Filho de Deus, e como tal acreditar que sua Palavra dá vida além dos limites criados, do humano, pois Ele nos dá a vida plena, a vida divina, que ultrapassa os limites da morte. Neste ato de fé não se encontra tão-somente uma esperança para um futuro melhor, mas uma força de vida para hoje. Se acreditamos que a vida é mais forte que a morte, então nada nos poderá amedrontar; teremos a capacidade, a força de enfrentar as outras formas de morte que quotidianamente invadem nossa existência. O que nos amedronta é não acreditar que somos indestrutíveis, que, crentes em Cristo Jesus, a morte não tem poder sobre nós. Bem sabemos que na hora da tribulação, da repressão violenta, o mais destemido é o crente, pois

vislumbra a outra parte da vida, vê além das aparências, como o primeiro de todos os mártires, Estêvão: "Estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem de pé à direita de Deus" (At 7,56).

A cada um de nós, ainda hoje, o Cristo Senhor pergunta: "Crês isto?" E provavelmente acrescentará: "Se chegares a crer, então verás a glória de Deus".

Pe. Francisco Rubeaux, omi
Av. Dalva, 497 A
Marambaia
66615-270 Belém, PA